

NOVO DISCO DO BAIANASYSTEM, O MUNDO DÁ VOLTAS DANDO VOLTAS PELO MUNDO, TRAZ ARTISTAS DE DIVERSOS PAÍSES DO MUNDO PARA SOMAR NAS PRODUÇÕES

Conexão

Bob Wolfenson/ Divulgação



BaianaSystem e Claudia Manzo, chilena brasileira que participa da música Agulha no novo álbum do grupo

BAIANA INTERNACIONAL

» MARIANA REGINATO

Em 2025, o disco O mundo dá voltas, do BaianaSystem, foi vencedor do Grammy Latino. O álbum contava com diversos convidados especiais e, na retomada de turnês, o grupo baiano se inspirou na experiência para dar uma nova cara para o projeto. Agora, em todas as plataformas digitais, o disco O mundo dá voltas dando voltas pelo mundo terá participações de artistas de vários países. Sejam na voz, seja na produção, as novas canções são chamadas de Refix, trazendo novidades para as composições originais. Artistas da Nigéria, Colômbia, Portugal, França e Inglaterra aparecem no projeto, ao lado de brasileiros. Roberto Barreto, fundador e guitarrista da banda, conversou com o Correio sobre a idealização do disco, a interação com artistas de outros países e o momento atual de uma das bandas mais inventivas e originais do país.

ENTREVISTA//COM ROBERTO BARRETO

O álbum aprofunda uma ideia que começou com o Futuro não demora, de 2019. Como foi criar essa relação entre eles?

Depois do Futuro não demora, a gente fez o OXEAXEEXU, produzido durante a pandemia, teve tudo isso. Quando começou o trabalho de pesquisa, a gente entendeu que a conexão do Mundo Dá Voltas era com o Futuro Não Demora. No sentido de ser muito ligado à música brasileira, no sentido de ser um disco com início, meio e fim, com uma linha narrativa. Tem muita participação de orquestra, no caso, orquestra afrosinfônica, com arranjos do maestro Ubiratan Marques. São mundos que se complementam. No caso, o Mundo dá voltas, a gente tinha um pouco mais a noção de como queria que aquilo soasse, do processo de pesquisa e tudo mais. E esse disco retoma essa narrativa e esse entendimento de ligação com a América Latina, de conexão com a música brasileira, que era do Futuro Não Demora.

E como surgiu a ideia de fazer o Mundo dá voltas, dando voltas pelo mundo?

Quando fizemos o Mundo dá voltas, a gente começou a fazer shows, a viajar, ele foi um disco que teve muitas colaborações. O disco foi feito durante todo o processo tanto de produção como dos artistas que se envolveram. E foi também um período em que a gente voltou a fazer muita turnê internacional. A gente foi para Austrália, para Nova Zelândia, para Europa de novo. A gente começou a entender também o interesse das pessoas pelo que estava sendo produzido e ter conexões com outros artistas. Então, surgiu essa ideia de justamente pegar o material desse disco e ter releituras, por isso que a gente chama de refix. Mais do que uma ideia de remix, passar justamente essa

ideia do refazer. Então, a gente pegou todas as faixas do disco e foi direcionando de acordo com o que a gente sentia de cada uma, do que cada uma tinha para produtores, para cantores, para artistas que tivessem ali envolvidos nisso. Era para que a gente pudesse ter outras visões e outras colaborações do Mundo Dá Voltas, já que o próprio nome traz muito essa ideia. Em viagem, a gente pegava os arquivos, mandava para as pessoas e recebia as primeiras ideias. Isso ajudou a dar um outro entendimento do próprio disco para a gente.

Como foi isso ter artistas de outras partes do mundo em uma música tão brasileira como a de vocês?

Acho que essa era a intenção, apesar de ter muitas faixas feitas com produtores e DJs brasileiros. Justamente por meio das viagens, por meio de como as pessoas percebem a música brasileira, que a gente entende que essas fronteiras estão cada vez menores no sentido das facilidades de produção. Por exemplo, Agulha, como foi com o francês Philippe Cohen Solal, que fez uma festa incrível, uma música muito densa, muito dramática. Em Praia do futuro, que a gente via características de Afrobeat, pensávamos em algum produtor da Nigéria. Era nos retroalimentar dessas outras visões, de outros sotaques em cima da música.

Qual você diria que é a mensagem do disco, juntando todas essas colaborações?

São muitas, na verdade. A gente fala muito de paz e de fé, de toda fé. Fala muito de toda a fé de Salvador, das muitas línguas e das muitas coisas que de alguma forma estão conectadas nessa ideia do mundo. Então, eu acho que essa ideia

de esperança e de uma fé mais plural, talvez seja uma dessas ideias que permeiam. Ainda mais hoje com tanta coisa que a gente está vivendo, com a forma que o mundo tem se apresentado. Quando se fala de o mundo dar voltas, você pode ter muitas leituras disso, mas essa leitura mais forte de que a música pode ter esse poder de transformação e de conexão entre culturas e essa ideia de fé talvez sejam mensagens que estão muito presentes. Tem um reconhecimento de uma conexão com a América Latina, essa noção de comunhão e de comunidade.

Como vocês percebem o momento atual em conexão com a banda, que sempre foi muito política?

Isso está sempre presente na forma que o Baiana faz música, na forma que se apresenta e como é percebido pelas pessoas. Eu acho que como está tudo mudando com muita velocidade, é difícil você conseguir fazer um frame do que está acontecendo. Temos visto uma intolerância crescente, de um movimento para uma extrema direita radical, muito presente em todo o lugar do mundo e se refletindo aqui também no Brasil. Isso acaba deixando o mundo muito conturbado, com uma incerteza muito grande, que já se apresentou em outros momentos. Eu acho que o disco traz essa mensagem de fé e de esperança por meio da música, esse poder de conexão entre as coisas. Está sendo um momento bem doido, a gente mais uma vez se aproxima de outra eleição importantíssima e definidora para nós. Socialmente, isso se reflete de muitas formas. A gente percebe isso nos shows, percebe isso na maneira que a gente está circulando. Cada um vai contribuindo da maneira que consegue.